

Padrão crioulo

Luanda deu-me a vida, em 1976. Huambo deu-me a lenda que está na origem do meu nome, revelando-se um legado que semeou em mim a honra de ser angolana. Nascer, crescer e viver em África, ensinou-me a respeitar e celebrar o que nos aproxima ou distingue, honrando e enaltecendo a essência, a identidade e os códigos – culturais, visuais e sociais –, que definem o espaço e o tempo africanos, em coreografia com os significados e as simbologias que compõem a riqueza e beleza da diversidade de cada um dos 54 países que lhe dão alma, cor e forma, como num padrão de tecido africano. Longe destas latitudes, mas de alma plena, atrevo-me a partilhar algumas sugestões do que é possível ver, ouvir, sentir e saborear, por aqui, como forma de chegar mais perto de vozes e raízes de origem africana. *Por Namalimba Coelho.*

Começo por vos convidar para um passeio inédito, que nos conta histórias silenciadas de uma Lisboa africana através do *African Lisbon Tour*, seguido de uma visita a duas exposições que celebram um encontro de padrões na margem do Tejo – *Contar Áfricas!* e *Padrão Crioulo*. Pelo caminho, apresento-vos alguns dos meus heróis da vida real, ativistas contemporâneos que expressam pensamento e poesia através da sua arte e música, entre os quais, uma jovem guerreira do *rap* crioulo chamada Mynda Guevara e os DJs produtores, Marfox e Nervoso, dois membros da família Príncipe Discos, que nos invadem a alma de ritmos com raiz afro-eletrónica nas suas épicas *Noites Príncipe*. Para quem gostar de baile, no dia 5 de abril há *Baile Lembra Tempo* com vista para o rio, no mítico espaço B.Leza, onde ao domingo, ao por do sol, há matinés dançantes. Nada como um *workshop* de kuduro para digerir as viagens de sabores que nos saciam a saudade, após um clássico almoço de domingo, com paladares e cheiros da Mãe África – seja a cachupa da D. Maria Patriarca n'O Coqueiro da Cova da Moura; a moamba ou o mufete da Casa de Angola; ou os sabores de Moçambique da Tia Orlanda. Para quem preferir uma sesta a ouvir contos e lendas tradicionais de todos os tempos, delicie-se a ler *As Mais Belas Fábulas Africanas* – as histórias infantis preferidas de Nelson Mandela. Por fim, termino com olhos postos no futuro, recomendando que acompanhem um projeto de investigação em curso até 2020, dedicado aos *Filhos do Império e às Pós-Memórias Europeias* – filhos da geração que protagonizou ou assistiu às independências, marcados por este processo através das histórias das suas famílias e do contexto em que cresceram, tendo o passado colonial influenciado a sua visão do mundo hoje.

Duas exposições que celebram um encontro de padrões africanos

***Contar Áfricas!* – Mostra coletiva no Padrão dos Descobrimentos**

41 investigadores, 43 peças, 43 palavras, três núcleos, muitas possibilidades para *Contar Áfricas!* Mais do que uma exposição, esta mostra revela-se um exercício essencial, que convida a uma reflexão em torno de uma seleção de peças emblemáticas – esculturas, capulanas, livros, cartas, pinturas, mapas – escolhidas por investigadores e especialistas de diferentes áreas – Antropologia, Artes, Geografia, História E Literatura –, que permitem contar a história de uma África diversa e múltipla, muito além da visão que tiveram os portugueses. É esta multiplicidade de curadores, peças e palavras que permitem leituras tão variadas quanto as que caracterizam a diversidade de África, nos seus poderes, organizações sociais, culturas e valores. *Patente até 21 de abril, no Padrão dos Descobrimentos. www.padraodosdescobrimentos.pt*

***Padrão Crioulo* – Exposição individual de Francisco Vidal no Espaço Espelho d'Água**

Seguindo a linha do rio, rumo ao Espaço Espelho d'Água, deparamo-nos com o *Padrão Crioulo* – um estudo contemporâneo de forma, linha, cor. De origem cabo-verdiana e angolana, Francisco Vidal cresceu em Portugal, viveu em Berlim, Nova Iorque e Luanda e é nessa encruzilhada de raízes culturais que o seu trabalho ganha vida, forma e cor, através do desenho, da escultura e da instalação, debruçando-se sobre temas que debatem a diáspora africana e a sua herança, no presente e no futuro. É nessa reflexão contemporânea, de tempo e espaço, feita em retratos desenhados por cima de padrões que interpretam a história, que as suas telas revelam traços próprios, através dos quais nos são contadas outras estórias, cunhadas com memórias e simbologias, desvendando narrativas, rostos e padrões que mapeiam uma Lisboa Crioula. Um estudo de ética e estética, que ganha forma através da força e do movimento dos seus traços e que dá voz à sua profusão de cores. São cerca de uma dezena de obras que, em exposição, são desafiadas a dialogar com o seu enquadramento histórico e geográfico, em confronto com o Padrão dos Descobrimentos, num lugar de encontro de culturas – o emblemático Espaço Espelho d'Água.

De 6 de abril a 2 de junho, na Av. Brasília, Edifício Espelho d'Água, Belém. www.espacoesselhodeagua.com



Francisco Vidal. *Padrão Crioulo*. Março 2019. Óleo sobre tela. 160x150 cm.

Música e Dança

Uma guerreira que vai dar que falar: Mynda Guevara aka Guerreira do rap crioulo Nascida e criada na Cova da Moura, 22 anos, a incrível Mynda, que acaba de lançar o seu novo *single Bu Silêncio* é uma promessa de talento, a conquistar um lugar de pódio nos circuitos do *hip-hop* português e que vai dar muito que falar. Mynda é uma das mulheres retratadas no documentário *Mulheres do Meu País*, de Raquel Freire. “Eu elevo a minha voz, não para gritar, mas para que aquelas sem voz possam ser ouvidas. Não podemos ser bem-sucedidas se metade de nós fica para trás” – é a citação de Malala Yousafzai que podemos ler nos segundos que antecedem o início do videoclipe de *Ken Ki Fla*, que integra a banda sonora de *Gabriel*, recém-estreado filme que conta a história de um jovem cabo-verdiano lutador de boxe. Este é o 2.º *single* oficial do EP de estreia de Mynda, *Mudjer Na Rap*, com produção do DJ Produtor Lilocox. www.facebook.com/myndaguevara

As épicas Noites Príncipe que nos invadem a alma de ritmos com raiz afro-eletrónica Por falar em Lilocox, um dos membros da família Príncipe, da qual fazem parte outros ilustres como DJ Nervoso, DJ Marfox, Nídia Minaj, DJ Firmeza, ou DJ Nigga Fox, que são alguns dos nomes que se destacam neste núcleo duro de DJs produtores afro-descendentes, que têm feito a história dos últimos sete anos das épicas *Noites Príncipe*, que já são uma instituição com residência no MusicBox, onde atuam uma vez por mês, com curadoria da casa-mãe, a editora/produtora homónima Príncipe Discos. De Portugal para o mundo, os protagonistas e autores destes ritmos com raiz afro-eletrónica, que cruzam kuduro, *afro-house*, funaná, tarraxinha, entre outras influências sonoras, são os criadores de uma batida única de música dançante oriunda da periferia de Lisboa, que já conquistou a comunidade eletrónica à escala global. É este o efeito da batida Príncipe, que se apodera de nós como um elixir hipnotizante, rendidos ao lema: dançar pela noite fora que Música é Vida. Os discos editados revelam-se verdadeiras compilações de ritmo e alma, publicados em cópias limitadas, com capas pintadas à mão pelo artista Márcio Matos. www.principediscos.bandcamp.com

B.leza – Baile Lembra Tempo e as matinés dançantes de domingo Um lugar de culto, que há mais de duas décadas se dedica a promover o melhor da música e da cultura africana, num espaço único à beira-rio. Com uma agenda de concertos para os fãs de todos os ritmos africanos, há ainda, mensalmente, a festa *Na Surra* com curadoria da editora Enchufada e os serões *Contacto*. No dia 5 de abril há *Baile Lembra Tempo*, com concerto de Blyk Tchutchi, voz incontornável de Cabo Verde, seguido de um DJ *set*, organizado pela editora Mar & Sol, que leva o seu arquivo sonoro em discos de vinil de música popular e cultural africana. www.marsolrecords.com. Imperdíveis são, também, as matinés dançantes aos domingos, com vista para o pôr do sol; a partir das 19h, há *workshops* de kizomba. www.Bleza.pt

Contos de todos os tempos

As Mais Belas Fábulas Africanas contadas por Nelson Mandela Descobri este livro com os meus filhos. Com eles li, e reli, esta maravilhosa recolha de fábulas e lendas da tradição africana, as histórias infantis preferidas de Nelson Mandela. “Espero que as crianças não percam nunca a capacidade de alargarem os horizontes do mundo em que vivem através da magia das histórias” e “espero que a voz do contador de histórias nunca deixe de se ouvir em África”, são as palavras de apelo que o sábio líder partilha nesta poética compilação de “histórias tão antigas quanto África e tão rica quanto o seu imaginário, fábulas intemporais e universais na sua capacidade de encantar e deslumbrar”. Comprei-o na livraria da Gulbenkian, em 2016, data em que foi reeditado, mas já o vi à venda noutros lugares.

Viagens de sabores

A cachupa da Dona Maria Patriarca no restaurante O Coqueiro na Cova da Moura O Coqueiro é uma casa aberta, que nos convida a fazer parte de uma forma especial de estar em comunidade, no bairro da Cova da Moura, onde todos se rendem aos sabores de Cabo Verde pela mão da D. Maria Patriarca, que acaba de ser homenageada com o Galardão de Mérito Mulheres Empreendedoras Europa/África 2019 na categoria de Gastronomia. Não há como descrever o carinho e a simpatia com que somos acolhidos neste lugar de encontro e de convívio, onde a especialidade é a cachupa, ao domingo, com música ao vivo, para além de outros petiscos irresistíveis, o arroz de marisco e as deliciosas sobremesas. Fica na Rua dos Reis, 4, no Alto Cova da Moura.

A moamba e o mufete da Casa de Angola Aberto desde 1970, é neste espaço gastronómico e cultural que se saciam as saudades dos aromas e dos paladares da banda. Sabores que fazem nascer água na boca, a começar pela kitaba à entrada, seguido de uma moamba de galinha com funge, um calulu de peixe ou um bom mufete com peixe grelhado, feijão de óleo de palma, banana-pão e mandioca. Todos estes sabores só ganham vida quando acompanhados de uma cerveja Cuca, bem gelada, quem conhece esta sensação, sabe do que falo!

Casa de Angola – Travessa da Fábrica das Sedas, 7 (Amoreiras). www.facebook.com/casadeangola.net

Os sabores moçambicanos da Tia Orlanda, no Porto Não há como resistir à mestria com que a Tia Orlanda cozinha as chamuças, o caril de caranguejo, o feijão com coco ou o tocossado de peixe. Palavras da minha linda mãe, nascida e criada em Moçambique, que acaba de me recomendar este lugar maravilhoso, a norte, onde os amigos marcaram um reencontro de vida há muito adiado. Da indumentária da Tia Orlanda aos atalhados, todos os detalhes são tipicamente moçambicanos. Ideal ao fim de semana, pois o ambiente é de festa africana, com música ao vivo. Fica junto aos Clérigos, na Rua das Taipas, 113, no Porto. www.facebook.com/TiaOrlandaSaboresMocambicanos



A cachupa da Dona Maria Patriarca
n'O Coqueiro da Cova da Moura

As épicas Noites Príncipe que nos invadem
a alma de ritmos com raiz afro-eletrónica

As Mais Belas Lendas Africanas
contadas por Nelson Mandela

African Lisbon Tour – Uma caminhada pelo passado histórico africano de Lisboa, cruzando-o com cultura, gastronomia e música Naky Gaglo é o togolês que, há quatro anos, criou um percurso inédito pelas ruas da capital, ao longo do qual nos desafia a descobrir a história de uma Lisboa africana. Uma excursão histórica, que nos remete para um passado muitas vezes silenciado, que remonta aos tempos da escravatura e da descolonização, recordando a importância da diáspora africana e as suas implicações na vida social, cultural e gastronómica, no espaço e no tempo. Na página de Internet que descreve a visita, podemos ler uma citação de Marcus Garvey que afirma que “um povo sem o conhecimento de sua história passada, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”, à qual Naky acrescenta que, “nesse caso, devemos voltar à história e tentar encontrar respostas. Uma missão difícil quando consideramos a falta de informação ou a intenção deliberada de não revelar a história que passa a ser tabu ou não importante ou não interessante”. E é com esta perspetiva, com ponto de partida na praça do Comércio, que Naky nos desafia para este percurso assente em três momentos históricos: de 1444 a 1620, período em que Portugal detinha o monopólio das trocas, de 1620 até à última década do século XVIII e daí até à abolição total da escravatura no império, no século XIX. A visita pode durar quatro a cinco horas e termina com um jantar num restaurante africano. www.africanlisbontour.com

Investigação e Pensamento contemporâneo

Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias é um projeto de investigação em curso no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra até 2020, que tem por missão compreender como é que os processos históricos que culminaram nas independências da República Democrática do Congo, da Argélia, de Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau, de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe são recordados, interpretados e vividos atualmente, na Europa, pelos filhos da geração que protagonizou ou assistiu a esses acontecimentos. Este projeto tem como sujeito o filho de império, que é alguém para quem o império, as guerras coloniais e a descolonização são já apenas representações. Não tendo sido testemunhas diretas da descolonização, foram, no entanto, marcados por este processo através das histórias das suas famílias e do contexto em que cresceram e, por isso, o passado colonial influencia de maneiras distintas a sua visão do mundo hoje. A partir da sua investigação, o projeto *Memoirs* produziu um jornal que reflete sobre o que significa ser europeu no momento em que a Europa se questiona a partir das suas identidades nacionais, que pode ser lido online. memoirs.ces.uc.pt